

Germinal



N.º 18—ANO I
9 de Maio de 1915

«Nenhuma revolução pode fazer-se sem evolução prévia.»— ELISEU RECLUS.

Publica-se nos domingos

DIRECTOR, EMILIO COSTA. — PROPRIEDADE DO GRUPO GERMINAL.—EDITOR, MARIO COSTA.

(Declaração exigida pela lei de imprensa em vigor.)

Avulso 1 ct. (10 rs.)—Assinatura: trimestre, 15 cts. (150 rs.)

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRAFICAS — Rua do Poço dos Negros, 81

Redacção e administração — Rua da Barroca, 51, 3.º — LISBOA

Contra a oratoria

A propósito do que aqui dissemos na semana passada, sobre as conferencias no primeiro de maio, alguém nos pergunta se é melhor, nesse caso, nada se fazer.

É evidente que, nesse caso, o melhor é não se fazerem conferencias, visto que a utilidade que elas encerram é de tal modo insignificante, se porventura existe, que não compensa o tempo e o esforço empregados.

Ha bastante tempo que vimos falando contra a costumbre dos discursos que de conferencias só tem o nome, em geral. Mas o habito está muito inveterado e difficilmente se hade perder, se se perder. Os portugueses adoram a eloquencia, a oratoria, e parece não conceberem que se possa aprender ou gosar de bons momentos sem que um orador entre em acção.

Nós supomos conhecer a causa desta predileção pela oratoria; mas não é para agora, nem talvez para aqui, expola.

Mas o que se deve dizer e repetir é que se torna preciso pôr um dique á torrente de conferencias, em que tem assentado a maior parte da propaganda e que por isso mesmo tão fracos resultados tem dado. A resistencia tem de vir dos conferentes que estejam convencidos de que se tem usado demasiadamente da oratoria, recusando falar, sempre que o que poderiam dizer, não seja dito em condições de ser convenientemente utilizado. É preciso que a conferencia deixa de ser o que, com poucas excepções, é actualmente entre nós: um puro recreio, ou uma maneira comoda que se encontrou de satisfazer, sem grande esforço, ou sem esforço nenhum, o desejo de

ver manifestado ou mesmo de manifestar os sentimentos de revolta, sobre tudo, produzidos pela injustiça politica e economica.

Uma obra util seria a de se fazer a propaganda contra a oratoria, procurando convencer o publico que em geral frequenta as conferencias de propaganda, que pouco ou—quantas vezes!—nada de util se obtem, havendo apenas uma perda de tempo para quem fala e para quem ouve, que melhor utilizado seria noutra coisa. Note-se que falamos contra as chamadas conferencias de propaganda.

O uso imoderado destas é que é o mal. O que ha portanto a corrigir é a imoderação e substituir a maior parte delas por palestras adequadas ao fim, bem determinado, de se aprender alguma coisa que se deseja saber. O que aconteceria se se entrasse, a serio, nesse caminho? Haver muito menos conferencias e parecer que se fazia menos propaganda pela ideia? Que importancia teria isso se realmente se fazia muita mais e muito melhor propaganda, porque se instrua e se educava? As conferencias teriam muito pouca gente... É muito provavel; mas que mal resultava disso?

Fazia-se menos barulho, aparecia-se e brilhava-se menos, é certo; mas trabalhava-se melhor e produzia-se mais.

Regimen de suborno

Assim apelida um amigo nosso a republica em que vivemos desde o esquecido feito rotundico. Bem ou mal?

Quem o quizer verificar, tome nota de que, a respeito do operariado, o dito se confirmará em breve, e com estrondo, na lista dos deputados governamentais. Pelo menos, assim no-lo anunciam.

Pedro Kropotkine

Segundo a *Bataille Syndicaliste*, o nosso camarada Kropotkine, sofreu em 25 de abril passado, uma segunda operação, que decorreu bem, tendo baixado a temperatura. Kropotkine encontra-se tão bem quanto é possível nas suas circunstancias, estando os medicos cheios de esperança nas suas melhoras. Na vespera da operação, tinha Kropotkine dado os ultimos topicos na sua obra *Lamarckismo e a hereditariedade*, na qual trabalhava ha cinco anos. Mais uma vez fazemos votos pelo completo restabelecimento do nosso illustre camarada.

Conformes

Um jornal publicou o outro dia a opinião do sr. Anselmo de Andrade, ministro do ultimo governo da monarchia, sobre a situação de Portugal ante a conflagração europea, e logo a imprensa da nossa social democracia a reproduziu com elogio e notando que ela perfeitamente se coaduna com a attitude que o partido socialista toma.

Em tempo de eleições

Na fala do partido democratico encontram-se estes dizeres:

«O partido proseguirá na aprovação de leis de protecção operaria, procurando desenvolver o espirito associativo, e, pela propria livre acção dos organismos operarios, tentará exercer influencia benefica na regularisação dos salarios.»

Os organismos operarios bem sabem de que lhes tem valido as leis de protecção existentes, para bem calcularem para que lhes servirão as futuras; e não esquecem que, na opinião de todo o democratico, ou a sua livre voz se exercera ao sabor das conveniencias do sr. Afonso Costa ou vai ali tudo raso. E porque bem sabem e não esquecem... dão-lhe os votos.

Joeirando

É muito bem elaborado, sob o ponto de vista da argumentação, o artigo de Malatesta, que foi publicado no ultimo numero da *Aurora*, com o titulo: *Fins e resultados da guerra*. No entanto ha certas restricções a fazer e que devem ser feitas para se irem aclarando, cada vez melhor, as diversas maneiras de ver sobre a questão da attitude dos anarquistas em face da guerra. Desta aclaração resultará o que varias vezes tenho dito e que Malatesta dizia tambem num artigo anterior: ha-de chegar uma occasião em que «nos veremos de novo unidos, no terreno de outros factos concretos». É que, continuo a crer que as divergencias são mais superficialles, mais secundarias, mais accidentaes do que pode fazer julgar a discussão travada entre camaradas animados igualmente do desejo de acertar, de bem servir a causa.

Creio que duma parte e outra ha razão, quando se prega contra os exageros cometidos; e não fossem estes, que intensificaram de forma escusada a discussão, não teria esta adquirido o character de scisão que por vezes tem assumido nestes mezes de guerra.

Ora é contra os exagerados que Malatesta tem razão no artigo a que me refiro. Mas nem todos exageram e é por isso que o artigo me merece alguns reparos, que são feitos, repito, para aclarar a questão.

Sobre os varios Estados beligerantes e não beligerantes, pela parte que me toca, não tenho illusões, já o tenho dito, julgando que é a ideia do direito e da liberdade dos povos, que os anima. Terei para com eles uma attitude hostile, sempre que se tornem factores de injustiças para com os outros povos. Mas exactamente porque sempre

estou com os injustamente agredidos, é que estou agora com os belgas e os franceses e aplaudo a resistencia e a lucta contra o invasor, porque o mesmo acontecia e acontece com os marroquinos contra francezes, os transalvianos contra os inglezes, os congolezes contra os belgas, os cubanos contra os espanhois, os povos africanos contra os portuguezes, etc. E' assim que, embora isto pareça estranho ou incoerente a certos logicos, sou ao mesmo tempo pelos francezes, que repelem os alemães e pelos marroquinos que repelem os francezes, como seria contra estes se nesta guerra tivessem sido os agressores.

Julgo os actos segundo as circunstancias em que são praticados; e é por isso que me parece errada a maneira de ver de Malatesta quando nos diz, depois de verberar o procedimento dos socialistas alemães, que «os socialistas francezes e belgas não souberam fazer coisa melhor do que imitar os alemães e solidarizar-se com os governos e com a burguezia dos seus países».

Esta assimilação de procedimentos é que me parece errada, pois as circunstancias em que uns e outros se encontravam eram totalmente diversas. Se o contrario se tivesse dado, se o governo francez tivesse sido o agressor, a attitude dos socialistas e outros revolucionarios de França, teria sido a que os alemães tiveram? Já o disse e repito: estou convencido de que não e creio que Malatesta tambem estará convencido do mesmo.

E é esta uma das razões porquê eu creio que os dois agrupamentos nacionaes, Alemanha e França, representam duas influencias diferentes para a liberdade dos outros povos, porque acredito, com Kropotkine, Bakunine e tantos outros, na effektividade e grandeza do «perigo alemão».

De maneira, que a questão para os que acreditam nesse perigo e acham legitima e necessaria a defeza contra elle, resume-se em saber qual dos dois inconvenientes é maior: se uma victoria das armas alemãs, se a participação com os Estados dos paizes invadidos na defeza contra a invasão.

Entendo que esta inconferencia ou como se lhe quiser chamar, em face da pureza dos principios, é de muito menor dano para o bem-estar geral dos povos e para o progresso das nossas ideias, do que uma victoria alemã. Desde que assim se pensa, assim cada um se deve manifestar, procedendo

conforme as circunstancias e as suas condições individuais.

Sobre a ilusão de que fala Malatesta — ilusão que não alimento mais do que elle — do futuro congresso da paz, direi noutro artigo o que penso.

Emilio Costa.

Desarranjo mental

Foi o «Imperialismo contemporaneo» o assunto versado pelo sr. Alfredo Pimenta, na Liga Naval, ha dias. Como da primeira conferencia, afirma-se imperialista dos quatro costados. Quer muito tradicionalismo politico, muito sentimento religioso, muito catolicismo disciplinador para nós, para os latinos, grande poder militar e, é claro, muita ordem.

E depois disto tudo, sae-se com esta, segundo o *Diario de Noticias*:

«Como republicano defende acerrinamente a estabilidade governamental, embora se veja nesse principio a aproximação da monarchia; mas a republica, a seu ver, será tanto mais perfeita quanto mais se aproximar da monarchia, sem nunca a atingir.»

Como se vê, a doença continua a fazer estragos tanto no conferente como nos ouvintes, que aplaudiam entusiasmados.

A recompensa

Refere C. Rupert (B. S. de 19-4-1913), que a attitude da social-democracia alemã, — o melhor esteio do governo imperial desde que este desencadeou a guerra, começa a desgostar até os amigos politicos mais fieis que esse partido adquirira nos países neutrais. A imprensa social-democrata suíça, italiana, hollandesa e scandinava mal ousa ainda desculpar essa attitude e numerosos são os artigos fazendo ressaltar que as recompensas que os social-democratas alemães tem até agora obtido com a sua conduta, são as melhores provas de que eles cometeram um erro tão estúpido como monstruoso. O governo alemão, convencido de que a social-democracia se comprometeu irreparavelmente ante o mundo, não perde ocasião de lhe fazer sentir todo o peso do seu desdem.

De modo que, feitas as contas, o partido da hegemonia socialista, com a sua traição dos primeiros dias de agosto do ano passado, alcançou o seguinte: violação de principios dos seus proprios congressos nacionaes; desaprovação dos seus melhores amigos na Europa; e desprezo do seu governo.

Não deverá acrescentar-se: profunda perturbação na vida das diversas escolas socialistas da Europa?

Dicionario subversivo

(Continuação do n.º 17)

E

ECONOMIA POLITICA — Na critica que lhe fez Proudhon, limita-se a um amontoado de observações empiricas, de factos mais ou menos bem relacionados, mas sem uma filosofia de conjunto.

ELEITOR — Materia suave e branda que se presta facilmente a todas as formas. (Juan Rico).

ESPECTRO VERMELHO — O conjunto das revoltas operarias.

ESPIRITO MILITAR — Costuma entender-se por estas palavras o espirito de guarnição, isto é, qualquer coisa como o espirito necessario para jogar o dominó ou a bisca; mas o verdadeiro espirito militar consiste em saber saquear, queimar, assassinar e ensinar aos outros que façam o mesmo. (Boucher de Perthes).

ESTADO — Para Bastiat é a grande facção por meio da qual toda a gente se esforça por viver à custa de toda a gente; para Deville não é mais do que a organização da classe exploradora para garantir a sua exploração e manter na submissão os seus explorados; para Friedeberg é a quintessencia da dominação burguesa. Tres pessoas distintas e uma só verdadeira.

ESTADO DE SITIO — Expressão do medo burguez para tornar mais violentas as suas perseguições e atentados. Carta branca dada aos «senhores officiais».

ESTADO FINANCEIRO — Podão com que os cautos amigos procuram chapotar-nos a iniciativa.

ESTATISMO — Não representa somente a forma moderna do direito divino. Sintetisa uma dupla herança da autoridade dos deuses e da autoridade dos pais.

EXERCITO PERMANENTE — Instituição que tem por objecto umas vezes defender o solo nacional, outras manter a ordem, protegendo os ricos contra os pobres, e sempre assegurar à industria os mercados que lhe são necessarios.

(continua)

Nn.

De braço dado

No comicio do 1.º de maio, em Almada, onde fôra, dando-lhe o braço Sebastião Eugenio, fallou o desertor Carlos Rates, e, ao que parece, com agrado geral.

... E' que não consta haver sido corrido á batata, como acontece aos comediantes caídos no desagrado do publico.

Uma carta-protesto

A Associação de Classe dos Maritimos de Portimão enviou-nos copia de uma carta que em 28 de abril ultimo dirigiu á redacção de «O Jornal». Trata-se de um protesto contra o que «O Jornal» de 27 publicou ácerca daquela classe, ou de casos a ela referentes.

Congresso de Ferrol

Tinhamos um grande e legitimo desejo de dar aos nossos leitores uma noticia, o mais desenvolvida possivel, do que se passou no Ferrol, a preposito do anunciado congresso pela paz.

Esforçamo-nos por obter as devidas informações, mas infelizmente a nossa modesta obra de reportagem não obteve o exito que desejavamos e julgavamos facil de obter.

Não conseguimos saber senão o que os jornaes diarios a toda a gente disseram em telegramas e outras noticias, devendo por isso limitar-nos a enviar o leitor para as noticias desses jornaes ou a dizer-lhe que procure jornaes de propaganda que porventura tenham sido mais afortunados, a esse respeito, do que o *Germinal*.

Deste facto só se pode concluir que os nossos serviços de reportagem estão imperfeitamente montados, devido isso, sem duvida, aos nossos fracos recursos senão a nossa pouca habilidade de reporter.

Nós faremos o que recomendamos ao leitor: iremos ler o que outros jornaes publicarem. Depois faremos a apreciação que os factos nos sugerirem, pois que para isso não carecemos, felizmente, do auxilio de ninguem.

Participação na guerra

No seu manifesto eleitoral dizem os democraticos ao país:

«O partido considera como um dever inadiavel, imposto pelo prestigio e dignidade da nação e do exercito, a entrada numa activa campanha alem das fronteiras de Angola e Moçambique, fazendo em cooperação com a Inglaterra uma guerra offensiva».

Isto quer dizer que a gente afonsina já se encontra de acordo com a unionista; resta ver se a nação se encontra de acordo com uma e outra para a tal guerra offensiva. A concorrência ás urnas em beneficio do sr. Camacho ou do sr. Afonso o dirá.

Socialistas e catholicos

Ao que consta, os catholicos portuguezes estão resolvidos a aplaudir o organismo politico que favorecer as suas aspirações e a aliar-se com elle. A proposito escreve um dos seus orgãos:

«E' esse organismo a Internacional Operaria? Seremos aliados, nesse ponto, dos socialistas.»

O quê! é de admitir que o partido socialista possa favorecer as aspirações catholicas? Parece que sim. Lá diz o mesmo orgão:

«Não esquecemos que foram os votos dos socialistas que na Alemanha fizeram rasgar muito recentemente a lei que proibia aos jesuitas estabelecerem-se no imperio.»

Todo o homem devia trazer escrito na frente o que pensa das coisas publicas.

Cicero.

CANCIONEIRO

SR. MAR

Manhã de Abril e perfumada e loira...
O mar distende ainda os membros lassos.
De vago, o vago azul parece a espaços,
Mostrar-nos outros mundos que o Sol doira.

Sentado sobre a areia que se aloira,
Gentil pequeno, com seus debeis braços,
Constroi castelos de arrojados traços
Que sempre a vaga, brincalhona, estoira.

Aborrecido o pequenito enfim,
Ergue-se então e grita: «Sr. Mar,
Esteja quieto um bocadinho, Sim?»

O mar sorri dos votos infantinos,
E, meigo, paternal, a marulhar,
Beija-lhe os pés rosados, pequeninos..

Manuel Mantua.

A PROPOSITO DA GUERRA

O dever dos neutros — Como se fala da paz

(Conclusão)

No que respeita à intervenção dos neutros na lucta, — da Italia entre outros — é evidente que a guerra teria terminado mais depressa, se, como era do seu dever — não tinham todos garantido e prometido fazer respeitar a neutralidade da Belgica? — se tivessem todos levantado contra o agressor que tão deliberadamente violava as mais solenes promessas.

Mas era preciso contar com os diplomatas, os politicos, as suas combinações tortuosas e os seus apetites.

Essa gente não compreende uma guerra que tivesse por unico objectivo a defesa do fraco. Para eles, a guerra significa conquistas territoriais, despojos, indemnizações. Antes de tomar partido, é-lhes preciso saber de que lado está mais provavel a victoria.

Agora que a situação parece desenharse a favor dos aliados, o sentido de justiça dos neutros parece querer despertar. Daqui a pouco, é fatal, não poderão reprimir o seu ardente desejo de vingar — não tendo podido impedir os massacres e a devastação — os fracos e oprimidos.

Em face da complexidade dos problemas é impossivel dizer o que seria preferivel. Certamente, o imperialismo e o militarismo alemães, necessitam duma lição, devem ser abatidos como se abatem as feras. Certamente, quando as suas massas invadiram a Belgica, a Europa devia ter-se levantado contra o invasor, empurra-lo para o seu territorio e demonstrar ao povo alemão de que crime elle se tornava cúmplice, explicando-lhe que, cooperando para a servidão dos outros, era o seu proprio jugo que ele reforçava.

Actualmente é para desejar a intervenção dos neutros?

Uma linha de censura.

Se os neutros entrassem na lucta com o fim unico de a abreviar, estava bem. Enquanto os beligerantes lutarem com forças sensivelmente iguais, a guerra não fará senão eternisar-se, accumulando morticínios e ruínas. Quanto menos ela durar, menor será o numero de victimas e menor a area da devastação.

Mas se os neutros, para irem em socorro dos aliados, não tem outro motivo senão o de tomarem parte no banquete final, a sua intervenção não é para desejar. O aparecimento de novas cubijas não fazia senão complicar e envenenar a situação; e neste caso é muito melhor que elles se abstenham. Não sendo chamados a compartilhar do bolo, haveria mais probabilidades para que o sentimento de justiça fosse neles mais nitido, para que elles se sentissem mais inclinados a oporem-se

a partilhas de que não beneficiavam. Mas que se pode dizer? Quem sabe se eles não mercadejaram já a sua neutralidade?

Os estadistas ingleses, pelas suas declarações publicas, varias vezes repetidas, empenharam-se, com a sua honra, a respeitar os direitos do povo alemão, jurando que não faziam uma guerra de conquista, mas de defesa.

Alem disso existe na Inglaterra uma opinião publica que, sendo preciso, saberá lembrar-lhes as suas promessas. Mais vale que não tenham de lutar com um numero maior de tubarões que tão numerosos são já.

Neste momento, intervenção ou não, já isso está decidido. O que nos compete, a nós, é levar a opinião a compreender que se deve opôr a injustiças, que se dee levantar contra uma paz que não fosse senão um festim.

É preciso que redobremos de esforços para que o vencedor compreenda que respeitar os direitos de cada um é a melhor das politicas. E isso, só uma forte opinião publica o pode fazer ouvir aos que na ocasião forem os vencedores, que só o são porque a opinião até agora nunca soube fazer-se ouvir claramente e sobretudo nunca soube falar bastante alto.

É preciso que a paz que se fizer liberte enfim as nações oprimidas, de todo o jugo estrangeiro; que fiquem livres de escolher o regimen politico que mais lhes convier, livres para fazerem parte de federações da sua escolha; que enfim, renunciando ao sistema de aliaças e contra-aliaças, os diplomatas nós deem a federação dos povos, pela qual tantos pensadores lutam ha seculos.

Anatole France, acaba de dirigir a uns amigos russos, a seguinte carta:

«Amigos:

Esta guerra, que nós não quizemos, fala-emos até ao fim, proseguindo na nossa terrível e benéfica obra, até á sua completa execução, até á destruição completa do poder militar da Alemanha.

Amamos demais a paz para a consentirmos suspeita, falsa ou debil; queremo-la grande e forte, segura dum elevado e longo futuro. Disse-o desde o começo da guerra e não me cançarei de o repetir: a paz, essa paz tão cara, tão preciosa, é criminoso desejar-la, criminoso clamar por ela antes de se terem desfeito as forças de opressão que pesam sobre a Europa ha mais de meio seculo, antes de se ter preparado o reinado augusto do direito.

Até lá só devemos falar pelas bocas dos canhões.

É preciso que tantos heroes não tenham morrido em vão. A nossa hora, a hora da justiça está proxima. A liberdade de combate conosco; o triumpho é certo.

Abril de 1915. (Bataille Syndicaliste, 2-5-915).

O congresso internacional feminino de Haya (Holanda) votou a seguinte ordem do dia:

«Nós, mulheres, pertencentes a diversos partidos, confissões ou nacionalidades, reunidas neste congresso, sentimos uma grande simpatia pelos sofrimentos de todos que, sob o peso da guerra, trabalham e luctam pela patria, sem distincção de nacionalidades, porque todas os povos empenhados na guerra actual, estão persuadidos de que esta guerra não é uma guerra de agressão, mas unicamente empreendida para a deteza da sua existencia nacional.

Nós, mulheres, reunidas em congresso internacional, apelamos para todos os governos do mundo, para que ponham fim á efusão de sangue e encetem negociações para a paz.» Decidiu-se que esta ordem do dia tivesse por titulo: «paz pela justiça.»

O jornal conservador *Gazetta de Colonia*, de 29 d'abril, publica a nota seguinte:

«Escrevem-nos da linha de batalha, que diversas personalidades se ocupam neste momento da paz. A sua situação politica, religiosa, scientifica ou economica, dá importancia á sua iniciativa. Designam-se nomes de personagens, alguns dos quaes, que são estrangeiros, soam duma maneira muito agradável aos nossos ouvidos. Recomendamos a maior reserva quanto a estas iniciativas, por causa do seu proprio sucesso, pois necessitamos duma paz que dispense os nossos filhos de recomeçarem uma aventura tão horrorosa.»

Como vai «isto»

A politica nacional entrou numa fase, que — ou nos enganamos muito, é decisiva para a marcha das coisas publicas.

Já estão em Portugal todos ou pelo menos, os principais caudilhos e chefes dos movimentos monarchicos. Estes rejubilam ou parece que rejubilam com a orientação da politica nacional. Os republicanos dos varios partidos, uns atacam declaradamente o governo, outros pouco lhes falta para o fazerem.

O governo parece resolvido a não querer saber dos partidos e a andar por si só apoiado na força militar, que está muito os-

sivamente — iam a dizer demais — a seu lado.

Toda a gente declara não perceber coisa alguma do que se passa, o bom burguês está por tudo contanto que lhe deem ordem e progresso... nos negocios e pergunta-se por toda a parte: aonde irá isto parar?

Para uns, isto quer dizer o lugar que se ocupa; para outros, quer dizer o partido a que se pertence; para outros, significa as intuições, a vida economica, e até para alguns, senão para muitos, significa o país.

E o povo, o operariado, que pensa elle de tudo isto? O que significa isto, para elle? Ai está uma pergunta á qual é mais difficil responder do que á primeira vista parece.

A' volta do mundo

Quarta, 28

Espanha — As autoridades proibem o congresso revolucionario internacional pela paz, que devia inaugurar-se depois de amanhã em Ferrol.

Italia — Diz-se em Roma que a direcção do partido socialista resolveu desistir da greve geral para o caso da mobilisação,

Quinta, 29

Portugal — No deposito de cervejaria Jansen, entre a rua do Alecrim e a rua Antonio Maria Cardoso, em Lisboa, rebenta uma bomba — não se sabe se monarquica, se que —, matando um homem e ferindo dois outros.

— Em Evora dão-se tumultos por causa da dissolução da camara municipal.

Sesta, 30

Portugal — Em Tancos, durante um exercicio militar de engenharia explunde um fornilho, morrendo tres cabos e quatro soldados e ficando ferido um tenente.

Sabado, 1 de maio

Portugal — Manifestações operarias em Lisboa, Porto, Coimbra, Almada e outras terras, visando a carestia da vida, a guerra europeia e a amnistia aos presos por questões sociais.

— E' publicado um decreto, dando como expiada a pena de Joaquim Francisco, um dos «presos por questões sociais».

Espanha — Manifestações operarias em Madrid e outros pontos.

Domingo, 2

Portugal — Realizam-se a primeira e segunda sessões do 1.º congresso da União Republicana (partido unionista).

— Os democraticos abrem a campanha eleitoral, por meio de comícios e conferencias em diferentes terras.

Corrigindo

Por lapso, a composição que publicámos no «Cancioneiro» do ultimo numero, saiu sem o respectivo titulo — *O primeiro de maio*.

Deixariamos de falar aos nossos melhores amigos, se soubessemos o que muitas vezes dizem de nós na nossa ausencia.

La Boche Foucauld.

Vozes do passado

Palavras dum mestre

...O que importa é estudar a fundo, fortalecer as nossas convicções com estudos aprofundados, formarmos um ideal bem completo, comportando o conjunto da vida e viver conforme com este ideal, na medida das nossas forças adaptadas às possibilidades do meio. Estudai, aprendei e não faleis nunca das coisas sérias senão com pessoas duma grande sinceridade. É preciso ter-se o orgulho necessário para não prodigalizar, em conversações triviais, o tesouro das nossas convicções. De resto, se, sem tomar parte na discussão, observardes os que discutem, depressa notareis que a perfeita sinceridade é rara nesse genero de torneios e que de ordinario, os interlocutores procuram arrastar os adversarios para uma questão secundaria, para uma pequena dificuldade de detalhe. Podem assim obter um triunfo aparente que nada significa, mas cujo resultado é absolutamente contrario á verdade. Por isso fareis bem em desconfiar desses duels da oratoria. O que é preciso é firmar as nossas convicções e viver segundo a nossa fé: desta forma faz-se a melhor de todas as propagandas.

Os novos - e a menina pertence felizmente a esse numero, tendo deante de si um longo futuro de felicidade e de bondade, - os novos imaginam facilmente que as coisas podem rapidamente mudar por bruscas revoluções. Não; as transformações realisam-se lentamente e é por isso que é preciso trabalhar para elas com muita consciencia, paciencia e dedicacão. Na pressa duma revolução imediata, expomo-nos, por reacção, a desesperar quando constatamos a força dos preconceitos absurdos e a acção das ruins paixões. Mas o anarquista consciente nunca desespera; éle vê o desenvolvimento das leis da historia e as mudanças gerais da sociedade e se não pode actuar no mundo todo, pode, pelo menos, actuar sobre si proprio, esforçar-se por se livrar de todas as ideias preconcebidas ou impostas e agrupar, pouco a pouco, em volta de si, amigos vivendo e procedendo da mesma maneira. É assim, de amigo para amigo, por pequenas sociedades onde todos se estimam e se compreendem, que se constituirá a grande sociedade fraterna.

Eliseu Reclus

(Duma carta a M^{lle} Clara Koettlitz - Bruxellas, 12-4-1895)

Errico Malatesta

Em tempos de eleições

3.^a edição muito aumentada

25 ex. 35 centavos; 1 ex. 1 centavo

Pedidos á Bibliotéca a Vida, rua Formosa, 242-2.^o, Porto - A Sementeira. Cais do Sodré, 88, Lisboa

Figuras da Social

* * * * *

EUSEU RECLUS

O estudo dos grandes tipos da Humanidade exerce uma poderosa influencia na elevação do caracter, por essa tendencia automatica que actua no maior numero pela forma de imitação. — Teofilo Braga.

Publicação do *Germinal* — Editor, A. Machado

* * * * *

Com este frontespicio, acaba de aparecer o 1.^o folheto de uma colecção ilustrada sobre a vida dos principais socialistas das diversas escolas, épocas e países.

Simple registo historico para os que pouco sabem, as *Figuras* não visam á glorificação idolatra ou felichista de qualquer vulto, por maior que seja considerado; podem, por isso, ser vistas e lidas ainda pelos mais renitentes a genuflexões favorosas ou a outras formas de admiração.

Cada folheto, avulso, 2 cts. — Assinaturas (pagamento adiantado) por serie de 6 folhetos, 12 cents.

Pedidos e correspondencia: — *Germinal* — rua da Barroca, 51, 3.^o — Lisboa.

PUBLICAÇÕES

Em tempo de eleições — Saiu já a segunda edição deste opusculo de Errico Malatesta. É da Biblioteca de «A Sementeira», de Lisboa. O respectivo grupo editor, ocupando-se das suas edições, dirige aos camaradas, entre outras, estas palavras: — «Nós desejaríamos não só que difundissem o mais possivel estas edições, como tambem que nos sugerissem qual seria o trabalho mais conveniente a publicar para os interesses da propaganda, neste ou naquele momento e, até, nesta ou naquela região, se fosse preciso». — Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Reivindicación — Anuncia-se a proxima publicação em Sabadell, de um periodico semanal assim intitulado, especial-

mente destinado á defesa da revolução mexicana.

A Voz da Razão — Recebemos o n.^o 1 deste quinzenario da Juventude Libertaria, que tem sua redacção e administração na Travessa de Agua de Flor, 33, 1.^o, Lisboa. Foi uma visita agradável. Desejamos-lhe a maior prosperidade.

Outros jornais — Entrou no 14.^o ano de publicação o *Construtor Civil*, semanario do Porto. Reapareceram a *Revolta*, publicação do grupo Aliança Anarquista de Coimbra e o *Carriageiro*, boletim da Associação de Classe da Industria de Carriagens de Lisboa.

Se fôr honesta será estimada sem ser servida; se o não fôr será servida sem ser estimada.

H. Becque.

VIDA ASSOCIATIVA

União dos Sindicatos Operarios — Reuniu no dia 4 a assemblea de delegados. Foram lidos officios dos Fabricantes de Armas, enviando novos delegados e dos operarios Tecelões de Seda, pedindo um delegado á sua festa do aniversario, sendo nomeado o camarada Manuel Alexandre.

O camarada José Maria Gonçalves, fez uma larga explicação á cerca da forma como decorreu o pequeno funcionamento que teve a Bolsa de Trabalho e por fim declarou que aceitava a nomeação para tratar do regulamento da mesma Bolsa.

Sobre o assunto falaram alguns delegados, sendo resolvido que esta questão seja tratada numa assembleia especial.

Amanhã, 10, ás 21 horas, reúne a assembleia de delegados, sendo necessario que todos compareçam.

Nucleo Juventude Operaria — Reuniu ha dias e aprovou uma moção de protesto contra o decreto d'aministia, pôr só abranger monarchicos e excluir os presos por questões sociais, como os que se encontram detidos por assaltos ás padarias, ato que representa uma revolta social contra os açambarcadores. Foi nomeada uma comissão, formada por Artur Inacio, José Miguel e Armando Cardoso para tratar do assunto, e assentou-se em que hoje se realize uma sessão de protesto contra a detenção de todos os presos por questões sociais.

Grupo Propaganda Livre — Com esta denominação acaba de fundar-se em Lisboa uma agrupação alheia a facções politicas e especialmente destinada á propaganda sindical entre jovens e velhos. Toda a correspondencia deve ser-lhe dirigida provisoriamente para a rua dos Prazeres, á praça das Flores, 33, 1.^o E.

Em proveito do "Germinal"

Foram-nos oferecidos

e encontram-se á venda na nossa administração as seguintes publicações:

- **A Anarquia**, por E. Malatesta (2.^a edição) .. 5 cent.
- **Le Salarial**, por P. Kropotkine 2 "
- **Organisation, Initiative, Cohésion**, por J. Grave 2 "
- **Le Parlamentarisme contre l'action directe**, por A. Girard e M. Pierrot 2 "

A REVOLTA

Quinzenario anarquista
Apareceu no dia 1 de maio.
Redacção: Rua Sá da Bandeira, 11, 2.^o — Coimbra.